

**“Elixir do Pajé” e “A origem do Mênstruo”: a omissão da historiografia literária**

---

**letrônica**

---

Glauciane Reis Teixeira<sup>1</sup>

## 1. Primeiros historiadores: a prescrição e a tradição da literatura brasileira

Envolvidos com a tarefa de determinar os futuros possíveis e de encontrar as formas de superação dos obstáculos de desenvolvimento da literatura brasileira, os primeiros historiadores literários do século XIX perguntaram-se pelos traços que marcaram a cultura nacional, pelas características fundamentais da nação brasileira. Esse caráter fortemente nacionalista tem como percussor Ferdinand Denis, com a obra *Resume de l'histoire littéraire du Brésil* (Resumo da História literária do Brasil), de 1826.

Denis desmembra a literatura brasileira da portuguesa, adotando assim uma perspectiva contrária à empregada por seu antecessor, o alemão Friedrich Bouterwek<sup>2</sup>. O último considerava a produção poética produzida no Brasil como uma vertente de grande qualidade da Literatura portuguesa, ou seja, credita para Cláudio Manuel da Costa (poeta de origem brasileira e que por aqui escrevia naquele momento) a renovação das letras de Portugal.

No *Resumo da História Literária do Brasil* temos a elaboração de uma teoria prescritiva sobre os rumos que a literatura precisa seguir para atingir a autonomia e conseqüentemente ser

---

<sup>1</sup> Mestranda em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, bolsista CNPq. glauciane.reis@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Friedrich Bouterwek escreveu em 1805 *Geschichte der Portugiesischen Poesie und Beredsamkeit* (*História da Poesia e da Eloquência Portuguesa*), A obra organizada em doze volumes foi traduzida, no século XIX, para o francês em 1812, o inglês em 1823 e o espanhol em 1829.

denominada ‘Literatura Brasileira’. O Brasil como uma instituição nova, independente e autônoma deve substituir os moldes europeus e produzir uma literatura própria, a qual é o produto da originalidade<sup>3</sup> do povo como nação.

Quando sugere uma autonomia literária Denis se apóia em fatores que singularizam o Brasil: o meio diferenciado, a composição étnica social, as capacidades artísticas do povo. Nesse sentido, é indispensável que os poetas utilizem a natureza peculiar como fonte de inspiração, que valorizem as mitologias indígenas, que “lamentem as nações exterminadas, excitem uma piedade tardia, mas favorável aos restos das tribos indígenas, e que este povo exilado, diferente na cor e nos costumes, não seja nunca esquecido” (DENIS, 1978, p.38). Enfim, que absorvam na produção literária os elementos responsáveis pela representação da cor local.

Passados dez anos da publicação de Denis, Domingos José Gonçalves de Magalhães publica o *Ensaio sobre a história da literatura do Brasil*: estudo preliminar, no número de lançamento da Revista Niterói. É imprescindível mencionar que Magalhães além de ser o primeiro historiador literário brasileiro, também conceitua explicitamente o termo literatura em seu texto:

A literatura de um povo é o desenvolvimento do que ele tem de mais sublime nas idéias, de mais filosófico no pensamento, de mais heróico na moral, e de mais belo na natureza, é o quadro animado de suas virtudes, e de suas paixões, o despertador de sua glória, e o reflexo progressivo de sua inteligência. E quando esse povo, ou essa geração desaparece da superfície da Terra com todas as suas instituições, suas crenças, e costumes, a literatura só escapa aos rigores do tempo, para anunciar às gerações futuras qual fora o caráter do povo, do qual ela é o único representante na posteridade (1999, p. 29).

A partir dessa citação identificamos que a noção de literatura está ligada a concepção de nação. O historiador defende que cada povo tem a sua literatura, a qual “é variável como são os séculos, semelhante ao termômetro, que sobe ou desce segundo o estado da atmosfera” (1999, p.30). Assim, a nação que se desenvolve e se emancipa altera a sua produção literária.

A literatura é o elemento que une um país, e a “poesia do Brasil não é uma indígena civilizada, é uma grega, vestida à francesa, e à portuguesa e climatizada no Brasil” (MAGALHÃES, 1999, p.34). Ao longo do ensaio o autor critica a imitação à natureza e à mitologia européia realizada por alguns poetas brasileiros. A imitação, para Magalhães, sufoca e impede o desenvolvimento da autonomia literária.

---

<sup>3</sup> O termo *originalidade* no texto de Ferdinand Denis é considerado como o conjunto de elementos que diferenciam o brasileiro do europeu, e se absorvidos pela literatura a tornam original.

Ao pregar que os poetas necessitam exaltar a natureza e valorizar o indígena, elementos constituintes de uma literatura original, identificamos a nítida retomada e reconfiguração da tese de seu antecessor, Ferdinand Denis, no entanto o historiador brasileiro acrescenta mais dois elementos: a religiosidade e o sentimento da pátria. Nesse momento começa o desenvolvimento de um projeto nacionalista que se torna a base da formação da literatura brasileira, isto é, a grande parte dos historiadores que desenvolveu seus estudos depois de Magalhães passou a conclamar a busca de uma estética com características próprias, condizentes com a natureza e a história do povo brasileiro.

## 2. Bernardo Guimarães: uma produção silenciada

No século XIX temos o desenvolvimento e a consolidação de uma historiografia literária, formada por estrangeiros e brasileiros, preocupados em determinar os caracteres que a literatura deveria assumir para se tornar unidade de representação da nação brasileira. Em defesa desse projeto, o critério nacional passa a exigir a presença da paisagem e do elemento indígena, dessa forma, o particular que dá o tom da cor local foi abraçado como expressão do que é legitimamente brasileiro. Por conseguinte, propagou-se a noção de que a literatura precisa expor as aspirações da nação e ao valorizá-la promoveria também a construção do que é nacional.

Fiéis ao critério por eles estabelecido, o corpus selecionado pelos historiadores literários passou a incluir como parte do cânone, principalmente, as obras que expressassem o anseio por uma independência literária, em detrimento das que não abordassem essa temática. Jamil Almansur Haddad, no prefácio da obra de Ferdinand Wolf, explica tal seleção da seguinte forma: “o autor será tanto mais importante quanto mais tiver contribuído para firmar-se o caráter nacional da literatura, sem o que ela não é digna de nome” (HADDAD, 1955, VIII).

A forma de considerar a literatura por meio do *signo nacional* criou espaços em branco de ordens distintas, em vista das escolhas derivadas do enfoque historiográfico. Algumas lacunas estendem-se ao longo das historiografias literárias do século XX, derivadas dessa tradição que privilegia a elaboração de uma literatura nacional as historiografias se apresentam, muitas vezes, limitadas para avaliar produções literárias com diferentes ênfases.

A lacuna que temos por objetivo focar nesse artigo é a respeito dos motivos que levaram aos silêncios e omissões da produção erótica de Bernardo Guimarães<sup>4</sup> por quatro diferentes histórias da literatura brasileira. Partimos da hipótese de que a produção poética erótica desse poeta foi ignorada e/ou excluída para a margem do sistema literário, pois é elaborada através de uma linguagem de baixo calão, dotada de características que tocam na fronteira entre o pornográfico e erótico tem a intenção de rebaixar os mitos e provocar o riso.

No auge do ultra-romantismo – período que tinha a melancolia, a tristeza contemplativa, o sentimentalismo exagerado, o delírio amoroso como principais aspectos - Bernardo Guimarães publica os poemas “Elixir do pajé” e “A origem do mênstruo”, no dia sete de maio de 1875, as duas composições são desajustados com o período em que foram elaborados. No primeiro poema a imagem pura e casta do índio, formada durante o Romantismo, é desmitificada<sup>5</sup>, já no segundo há a representação descarada e rebaixada da visão do corpo feminino<sup>6</sup>, imagem avessa a das virgens cantadas pelo romantismo.

Tais composições foram excluídas da edição oficial das “Poesias Completas” do poeta, publicação organizada pelo Instituto do Livro em 1959. Permanecem, portanto, circulando clandestinamente até o ano de 1988, quando o poeta Sebastião Nunes reaviva a obra e publica, pelas Edições Duboloso, em tiragem limitada esses dois poemas acrescentando “A orgia dos duendes” (cf. MACHADO, 1992, p.23). Em 1992, Duda Machado organiza uma nova publicação, *Poesia Erótica e Satírica / Bernardo Guimarães*, pela editora Imago.

Apesar de terem circulado clandestinamente por muito tempo, esses dois poemas são muito populares, conforme Basílio de Magalhães (apud MACHADO, 1992, p.15), sendo difícil encontrar algum mineiro que não saiba de cor ao menos o “Elixir do Pajé”. Em 1959, n’ *A Formação da Literatura Brasileira* (momento decisivos), Antonio Candido ao discorrer sobre a obra de Bernardo Guimarães afirma que esse como poeta teve três fases distintas: na primeira os

---

<sup>4</sup> Bernardo Joaquim da Silva Guimarães (1825-1884), nasceu na cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais, filho do poeta e jornalista Joaquim da Silva Guimarães, encontrou a tradição literária no seio de sua família. Formado em direito foi magistrado em Goiás, professor de retórica e filosofia, desempenhando a função de Jornalista.

<sup>5</sup> De forma simples, o poema é estruturado em tom de deboche com relação à ideologia da virilidade. A história de um sujeito que não consegue mais atingir a ereção é representada, e que por isso recorre às bruxarias de um velho pajé que havia passado por situação semelhante e por esse motivo tinha herdado um elixir milagroso. O poema parodia a composição rítmica e retórica do poema “I-Juca Pirama”, de Gonçalves Dias.

<sup>6</sup> A deusa Vênus é rebaixada violentamente, no início do poema ela encontra-se junto a uma fonte, depilando com navalha a sua vagina, pois desejava manter relações sexuais com Aquiles. Ao ser vítima de uma peça pregada pela ninfa Galatéia, a deusa corta por acidente o órgão sexual, sendo, portanto Vênus a deusa à que as mulheres devem a menstruação.

poemas são dotados de derramada irregularidade, a temática restringe-se a natureza, graça e devaneio equilibram-se com o humor; na segunda etapa evidencia-se a estrofe rimada em detrimento do verso solto, os temas são impessoais e geralmente a intenção é satírica; por fim, na última fase a poesia destaca-se por ser de caráter bestialógico obsceno (cf. 1959, p174).

Candido não silencia a vertente destoante que Bernardo Guimarães produziu, classifica como poesia obscena, o “ramo dileto da sua musa”, no qual o humor vincula-se com intenções obscuras que chegam a tocar no sadismo:

Com efeito, se o divertidíssimo “Elixir do pajé” pode ser considerado expressão dionisíaca e saudável do priapismo anedótico, já no poema de título irreproduzível, que o acompanha geralmente nas edições de cordel, o sangue rutila na composição esmeradamente clássica, infiltrando estranhas manifestações de perversidade (1959, p.175).

Com a citação acima, apesar do pudor ou do prurido cediço com que não é reproduzido o título do poema “A origem do mênstruo”, identificamos que a problemática do poema não é de ordem estética, porém de ordem moral, visto que temos a inclusão da vertente obscena de Bernardo Guimarães. Dessa forma, consideramos que *A Formação da Literatura Brasileira* é o ponto de virada a respeito da produção do poeta em questão.

Para comprovarmos a hipótese mencionada anteriormente selecionamos quatro Histórias da Literatura, duas anteriores à inclusão de Antonio Candido e duas posteriores, são elas: *História da Literatura brasileira*: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1903), de José Veríssimo, escrita no ano de 1912, *História Breve da Literatura Brasileira*, de José Osório de Oliveira, publicada em 1946, e por fim, *História Concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi, produzida no ano de 1970, *De Anchieta a Euclides*: breve história da literatura brasileira, de José Guilherme Merquior, do ano de 1979. Nestas obras verificam-se os momentos em que uma provável literatura erótica é mencionada e como os respectivos autores abordam a produção de Bernardo Guimarães.

A *História da Literatura Brasileira*: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1903), de José Veríssimo, tem como objetivo expor aos interessados em literatura a noção clara e exata do progresso literário relacionado com a evolução nacional, não há pretensão de preencher lacunas deixadas pelos trabalhos anteriores e a exposição da História da Literatura segue a ordem cronológica das produções. A divisão aceita e coerente do desenvolvimento da literatura, proposta por Veríssimo, está relacionada com os momentos da história do Brasil como

povo: Período Colonial e Período Nacional, marcando-se o período de transição, ocupado pelo grupo de poetas denominado Plêiade Mineira (1759-1795), dividido em dezenove capítulos<sup>7</sup>.

Literatura para o pesquisador em questão é “a arte literária”, que utiliza os artifícios de invenção e composição, portanto, sinônimo da noção clássica de belas letras. Encontramos essa definição na introdução de seu trabalho, quando ele menciona também os critérios de seleção do corpus de obras, que se baseiam nas concepções de origem, de nascimento<sup>8</sup> e de obra viva na memória coletiva<sup>9</sup>.

No décimo terceiro capítulo, “A segunda geração romântica – os poetas”, encontramos uma tentativa de definição de uma vertente literária *voluptuosa* que está presente desde os primórdios de nossa literatura, com Gregório de Matos Guerra (1562-1636 ou 39) e Domingos Caldas Barbosa (1740- 1800), mas que se desenvolve com força através dos ultra-românticos. Veríssimo afirma que a maioria dos poetas da Renascença portuguesa produziu um lirismo luxurioso, nenhum pouco casto ou voluptuoso. Ao contrário foi o lirismo brasileiro que exagera na feição voluptuosa, pois os poetas da segunda geração romântica trabalharam desenfreadamente com o elemento erótico:

como o de um povo onde o amor nasceu entre raças desiguais e inimigas e portanto entre violências e brutesas de apetites e carnalidades, e um povo onde a fácil e franca mistura de uma gente europeia em decadência com raças inferiores e bárbaras devia produzir um mestiço excessivamente sensual, em todas as acepções do termo (1929, p.293)

A sensualidade e o erotismo estão intrincados na nossa formação como povo, os poetas não podem ser insensíveis à voluptuosidade, e tal elemento até qualifica a obra desde que não caia na luxúria. Um exemplo de obra que, segundo autor supracitado, peca na verossimilhança por falta de “voluptuosidade” é *Caramuru*, de Santa Rita Durão (1722-1784), ou seja, ao fazer de Diogo Álvares e Paraguaçu um casal de amantes castos, o poeta foi contra a natureza brasileira:

Não se imagina um rude aventureiro portuguez do século XVI, ardente e voluptuoso, quais se mostraram na conquista, na situação singular, e como quer que seja descrita por

---

<sup>7</sup> Todas as citações apresentadas sobre José Veríssimo foram extraídas da publicação de 1929, portanto, a ortografia e sintaxe destoam da atual e não nos achamos no direito de alterá-las.

<sup>8</sup> São incluídos na literatura brasileira apenas autores de origem nacional, não há espaço para estrangeiros, mesmo que estes comunguem de sentimento, língua ou estilo brasileiro, da mesma forma não são incluídos autores que aqui nasceram, mas publicaram toda a sua obra em outros países.

<sup>9</sup> Por obra viva Veríssimo entende o conjunto de livro que são lidos, que permanecem vivos na memória coletiva da nação e de autores que alcançaram a graça nacional, assim ele não deseja “continuar a fazer da nossa literatura um cemitério, enchendo-a de autores de todo mortos, alguns ao nascer” (1929, p.17)

Durão, com uma formosa índia, moça e amorosa, em meio desta natureza excitante e dos faceis costumes indígenas, e sem nenhum estorvo social, comportando-se qual se comportou o seu, isto é, como um santo ou lendário cavaleiro cristão, e reservado, num milagre de continencia, para a sua esposa segundo a Santa Madre Igreja. (VERÍSSIMO, 1929, p.156)

O elemento voluptuoso faz-se indispensável. Por volúpia entendemos o intenso desejo de prazer, especialmente de prazer sexual, mas será que o nosso pesquisador concordaria com essa aceção?

Talvez. Chegaremos mais perto da resposta dessa questão se determos o olhar acerca das escolhas realizadas por ele. Fiel ao seu critério, ou melhor, coerente com a sua concepção, Álvares de Azevedo (1831-1852), Casimiro de Abreu (1839-1860), Tobias Barreto (1839- 1889), Luiz Delfino (1834-1910) são os poetas selecionados, os que têm o ardor voluptuoso inerente nas suas produções, sendo valorizado a forma melancólica, o ar galante muito mais do que o apaixonado com que eles elaboraram as suas respectivas obras. Nessa perspectiva, a obra poética voltada para a luxúria descarada, como a de Bernardo Guimarães é omitida. Veríssimo reconhece a dificuldade em enquadrar a produção desse escritor tanto pela sua distinta fisionomia como pelo valor de sua obra.

Embora tenha enquadrado esse poeta no espaço destinado aos poetas menores, entre o conjunto de poetas secundários Bernardo foi o maior, conforme o historiador em questão. O critério utilizado para colocá-lo nesse espaço é meramente cronológico, pois esteticamente não compartilha dos mesmos sentimentos estéticos ultra-românticos dos seus contemporâneos. Do conjunto da segunda geração do romantismo, Guimarães é o único poeta alegre que nem ao menos sabe fingir tristeza ou mágoa, em sua obra não há o mórbido sentimentalismo, a tristeza dolente e tampouco há a ardente voluptuosidade dos colegas. Ao contrário,

versejou de cousas alegres e com inspiração e intenção jovial. E versejou geralmente bem, se não com mais arte, com arte diferente da de seus companheiros e mais variada inspiração[...] em relação á época em que poetou (1858-1864) é mais classico ou antes mais arcadio que romantico (VERÍSSIMO, 1929, p.311)

Mesmo afirmando que Bernardo Guimarães foi melhor poeta do que romancista, que comparando o número de edições entre romances e poesias até o ano de 1912, as obras poéticas tinham mais reedições, enquanto os romances apresentavam apenas uma publicação, sequer é citado o título de algum poema ou de uma compilação poética do mesmo.

Já na *História Breve da Literatura Brasileira*, estruturada em vinte e sete capítulos, José Osório de Oliveira almejou construir um ensaio sobre a evolução da literatura brasileira. O pesquisador afasta-se da intenção de escrever uma história com fins didáticos, apesar de o seu estudo ter sido bem aceito pelos professores brasileiros. O critério de seleção do corpus foi o significado nacional que as obras e/ou autores tiveram, dessa forma o valor estético ficou em segundo plano para Oliveira.

Na mesma perspectiva dos historiadores do século XIX, Oliveira ainda discute os caracteres que a literatura precisa ter para ser definida como nacional. A nacionalização literária, na sua perspectiva só é alcançada quando o estilo de vida próprio do país passa a servir como inspiração para os escritores, que o espírito brasileiro seja o molde das obras<sup>10</sup>.

O fator primacial, conforme Oliveira, que influenciou o desenvolvimento da literatura brasileira, e até mesmo de outras literaturas americanas, foi abordado com precisão e discutido pelo sociólogo Gilberto Freyre. Para o sociólogo utilizado como fonte de pesquisa, as literaturas produzidas nos países do Novo Mundo só atingem a autonomia e deixam de ser um mero prolongamento das européias quando os escritores passam a retratar o que caracteriza o povo e a cultura local. Assim, os portugueses, os índios e os negros contribuíram para o desenvolvimento dessa cultura brasileira, a qual também é produto do sistema de trabalho (monocultura latifundiária e escravocrata), da organização social e da miscigenação (fruto do sistema escravocrata e da luxúria do português) do país.

No nono capítulo, intitulado “A modinha”, há a primeira alusão ao que seria uma literatura erótica. Oliveira destaca que entre os poetas secundários da Plêiade Mineira, Domingos Caldas Barbosa merece ser destacado como improvisador de modinhas, este alcança antes de qualquer outro poeta renomado “o tom poético que melhor corresponde ao sentimento lírico-erótico do povo brasileiro” (1954, p.44).

Caldas Barbosa nas *Cantigas* é mais brasileiro do que seus contemporâneos, pois se encontra próximo ao povo e a cultura popular, uma vez que a música é o autêntico meio de expressão do Brasil. A modinha desenvolvida por esse poeta é uma forma musical derivada da *moda* portuguesa que no Brasil adquiriu “por virtude do clima e do estilo de vida colonial, uma

---

<sup>10</sup> Nesse sentido, para definir um escritor como brasileiro, Oliveira afirma que o critério de origem do poeta pouco importa, o que é realmente primordial é o “estilo de vida que o formou e a sua cultura literária, ou seja, o seu espírito” (1954, p.14). Logo, não são os temas ou a língua em que foi escrita que fazem com que a literatura seja de um país ou de outro, ou seja, para serem considerados brasileiros, não basta terem escrito sobre o Brasil, mas sim terem mergulhado na cultura brasileira.



tal saturação de doçura, uma tal meiguice sensual, que devemos considerá-la como a primeira manifestação artística do *dengue*” (OLIVEIRA, 1954, p.45).

O outro produtor de uma poética de vertente erótica reconhecida é Castro Alves, que ao lado de uma poesia engajada, de preocupação com a justiça social, elaborou poemas de caráter sensual “que é bem tropical e que falta à poesia amorosa, exclusivamente sentimental”. Nos poemas “Adormecida” e “Boa-noite”, o poeta apresenta-se como “um lírico erótico só comparável dentro da poesia romântica, a Gonçalves Dias” (OLIVEIRA, 1954, p.85).

Podemos inferir a partir das escolhas de poetas e da justificativa que Oliveira utiliza para qualificar a poética deles, que o erotismo seria uma vertente sensual, suave, dengosa, logo, tudo que é mais carnal, grosseiro e direto não se enquadra como erótico e é excluído para as margens do sistema literário.

Consequentemente, o espaço destinado para Bernardo Guimarães é entre os “Outros romancistas românticos”. Oliveira não omite que esse escritor antes de ser romancista foi durante longo período poeta, e na condição de poeta mereceu figurar ao lado de Laurindo Rabelo, devido a forte vocação poética (cf. OLIVEIRA, 1954, P.81). Entretanto, somente é mencionado e comentado o romance *A escrava Isaura*, nenhuma poesia tem o título citado.

Passamos agora para as histórias da literatura brasileira que foram escritas depois da inclusão da “poesia obscena” de Bernardo Guimarães por Antonio Candido. Na *História Concisa da Literatura Brasileira*, dividida em oito grandes grupos, Alfredo Bosi realiza uma contextualização histórica que introduz cada estilo literário, para depois abordar o gênero literário e focar nos autores selecionados. Bosi não se detém em explicitar o seu objetivo e os critérios utilizados para a seleção das obras e dos autores em um capítulo à parte. Entretanto, através das suas escolhas e análises evidenciamos que ele admite uma concepção que congrega o sociológico ao estético.

Ao longo de seu trabalho não encontramos nenhuma conceituação de literatura, tampouco o autor arrisca-se como os anteriores em mencionar as características de uma vertente erótica. Apenas, quando discorre sobre a obra de alguns poetas, há a classificação sutil de uma literatura que tem como tema a sensualidade, como por exemplo, menciona que a poesia de Gregório de Matos tinha a “obscenidade do ‘capadócio’ ”(1991, p.42); ao discutir *Glaura*, de Silva Alvarenga, afirma que a pastora que dá nome a obra é retratada “envolta em um halo de galante sensualidade” (1991, p.87), em nota de rodapé Bosi reconhece que os versos de Domingos

Caldas Barbosa são dotados de uma “graça fácil e sensual dos lunduns” (1991, p.87), sobre Junqueira Freire menciona que *Inspirações do Claustro* é um “documento pungente de um moço enfermício dividido entre a sensualidade, os terrores e os ideais religiosos” (BOSI, 1991, p.125).

O espaço dedicado a Bernardo Guimarães poeta é entre os “Epígonos” da segunda geração. Ou melhor, Bosi não chega a dar “um espaço” ao poeta em questão, apenas cita o seu nome e em nota de rodapé explica as origens, os cargos desempenhados em vida, menciona quatro obras poéticas publicadas e afirma: “dos temas românticos preferiu o da natureza e o da pátria, mas singularizou-se como humorista, nota que trouxe do satanismo juvenil da fase boêmia (‘A orgia dos duendes’, ‘O elixir do pajé’)” (BOSI, 1991, p.129). A partir da forma que o historiador opta para fazer referência à produção poética, é possível inferir que Bosi considera Bernardo Guimarães um poeta de pouca relevância, além de que os títulos dos poemas destoantes são citados de forma velada, isto é, diante da impossibilidade de omiti-los, coloca entre parêntesis, numa tentativa de escondê-los.

Por sua vez, José Guilherme Merquior tem como objetivo realizar um trabalho não muito longo, de caráter cronológico histórico da literatura brasileira em *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. O estudo é precedido por uma nota introdutória intitulada “Ao Leitor”, nela são expostos os três preceitos críticos que nortearam o trabalho e segundo o qual o corpus foi estabelecido, são elas: *acessibilidade*<sup>11</sup>, *seletividade*<sup>12</sup>, *senso da forma*<sup>13</sup>.

Organizada em quatro grandes capítulos, essa história da literatura segue uma sistemática próxima a de Bosi, ou seja, Merquior sempre antes de introduzir um estilo literário realiza a contextualização histórica. Também não há a preocupação em expor a sua definição de literatura, o que ele realiza é a caracterização dos estilos literários e a forma que eles assumiram ao serem transplantados para o Brasil.

Tampouco encontraremos uma tentativa de definição de literatura erótica ao longo desse estudo. Há a caracterização de algumas produções e/ou autores que se valeram do elemento

---

<sup>11</sup> O termo *Acessibilidade* é utilizado no sentido de tornar o estudo crítico uma obra acessível ao “homem sensível de cultura média” (1977, p.VIII).

<sup>12</sup> Sobre esse critério o autor explica que apenas foram escolhidos para uma análise mais demorada os escritores brasileiros que tiveram o reconhecimento da crítica

<sup>13</sup> *Senso da forma* significa que as obras são focalizadas através do caráter estético, sendo valorizadas as peculiaridades de escrita e de estilo.

erótico, como: Gregório de Matos, poeta “libertino”<sup>14</sup> que desenvolveu uma poética oscilante entre o realismo erótico e a sátira; *Marília de Dirceu*, de Tomás Antonio Gonzaga, constituída por meio de uma “lira erótica”, na qual a soma do realismo mitigado com liberdades sob o objeto de sua paixão resultam em uma “dessacralização do preito amoroso” (1977, p.33); e Álvares de Azevedo que teve como alicerce da “inspiração erótica” a “cobiça sem possuir”.

Apesar de Bernardo Guimarães ter produzido uma vertente mista entre o erótico e o satírico, na qual há o culto pelo prazer e pelo corpo, características próximas da poética de Gregório de Matos, não recebeu a mesma atenção destinada ao poeta colonial. Merquior ao discorrer sobre Bernardo Guimarães menciona que a maior parte da obra poética com qualidade lírica foi produzida entre os anos 50 e 60 do século XIX, antes de se tornar romancista. Realiza alusão ao sucesso que esse poeta atingiu com a poesia humorística, bestialógica e com os versos obscenos, citando entre parêntesis, da mesma forma que Bosi, o poema “Orgia dos duendes” e omitindo o “Elixir do pajé” e a “Origem do mênstruo”.

#### Reflexões Finais

A preocupação em determinar a nacionalidade ou não da literatura brasileira, em descobrir as raízes históricas e ao mesmo tempo romper com as pesadas tradições portuguesas, marcou o horizonte de muitos historiadores do século XIX. Envolvidos em definir e caracterizar a Literatura Brasileira que fosse expressão legítima do povo brasileiro, os formadores do cânone literário acabaram desconsiderando as produções que tinham como fundamento outras temáticas, ou que estavam voltadas a outros objetivos. Tal posicionamento, alicerçado no critério nacional, gerou lacunas que se arrastam ao longo das historiografias literárias do século XX.

Neste artigo tivemos como objetivo investigar como as diferentes histórias da literatura encaram a produção erótica satírica de Bernardo Guimarães, mais precisamente os poemas “Elixir do pajé” e “Origem do mênstruo”, ambos de 1975. Vimos que Veríssimo e Oliveira admitem que a sexualidade tropical seja um elemento constituinte da identidade nacional, desde que seja voluptuosa e dengosa, frente a isso não realizam nenhuma alusão aos dois poemas em

---

<sup>14</sup> Libertino conforme a “acepção histórica do movimento ‘herético’ formado por aqueles que, nos séculos XVII e XIII, opuseram aos tabus da moral oficial o culto subversivo e igualitário do corpo e do prazer” (MERQUIOR, 1977, p.21).

questão, talvez até porque naquele momento desconhecêssem essa produção, ou porque a censurassem.

No entanto, o que nos impressiona é que mesmo depois de Antonio Candido, em 1959, ter incluído a produção obscena de Bernardo Guimarães dentro historiografia, os autores como Bosi e Merquior continuam silenciando esses dois poemas. Dessa forma, identificamos que o discurso dos intelectuais aqui focalizados é severo e moralista, uma vez que se o erotismo se mantém sublime, caso o poeta se apresente galante, lacrimoso e derramado em emoções, a sua produção é assimilada pelos formadores do cânone, entretanto, se ela revela a impureza do amor casto, expõe a face do amor carnal através de uma linguagem pouco refinada e com palavras de baixo calão, são omitidas, silenciadas e simplesmente ignoradas.

Uma das possíveis razões que justifica essa resistência e/ou dificuldade de expor o erótico que realiza alusão à carnalidade, é a nossa herança religiosa. O cristianismo estigmatizou a sexualidade como força pecadora, o que acarretou na expulsão do erotismo das esferas do sagrado. A igreja, através da religião, foi o meio mais expressivo de repressão moralizante, visto que desde os primórdios apenas aceita o ato sexual quando esse tiver caráter utilitário, ou seja, a procriação. Quando for praticado fora dessa esfera, para saciar os desejos da carne, os impulsos sexuais são encarados como pecado que devem ser punidos (cf. BRANCO, 1983).

No Brasil, a manifestação e a circulação de vertente literária erótica foi reprimida, uma vez que o país desde a sua colonização está alicerçado na ética católico-cristã. Sendo que as obras que tivessem o elemento erótico ou pornográfico como constituinte de sua produção foram apenas consideradas através dos critérios da “moral”, portanto, não foram valorizadas pelo seu valor estético. Dessa forma, os grupos defensores “da moral e dos bons costumes” criaram modos de repressão e mecanismos de censura para tais expressões licenciosas<sup>15</sup>.

Em plena segunda fase do romantismo, período essencialmente sentimental, voltado para o subjetivismo do poeta, Bernardo Guimarães desenvolve uma produção erótica, de tom humorístico que rebaixa tanto mitos nacionais, como o índio do romantismo, quanto a mitos romanos, como a deusa Vênus e a ninfa Galatéia. “A origem do Mênstruo” e o “Elixir do Pajé” são textos que obviamente não podem ser classificados taxativamente, mas é explícito o elemento

---

<sup>15</sup> Para mais informações sobre a censura de textos considerados eróticos-pornográficos ver os artigos: Pornografia não é, de Eliane Robert Moraes e Sandra Maria Lapeiz, publicado em *O que é pornografia*, pela editora Primeiros Passos em 1984; e Censura no Brasil: um “caso” de vontade, de Jesus Antônio Durigan, publicado no *Erotismo e Literatura*, pela editora Ática em 1986

erótico que flui para o pornográfico, no qual o discurso obsceno é forte. Além disso, são poemas que não pertencem a nenhuma escola ou tendência literária contemporânea, antes destoam por completo do seu feitio geral. Enfim, continuam composições problemáticas sob a perspectiva canônica, no campo da historiografia literária.

## **Referências**

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Cultrix, 1995.

BRANCO, Lúcia Castello. *O que é erotismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BOUTERWEK, Friedrich. História da poesia e eloquência portuguesa. In: CESAR, Guilhermino. *Bouterwek – os brasileiros na Geschichte der Poesie und Beredsamkeit*. Porto Alegre: Lima, 1968.

CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira (momentos decisivos). 2 v. Belo Horizonte: Itatiaia, 1959.

DENIS, Ferdinand. Resumo da história literária do Brasil. In: CÉSAR, Guilhermino (org). *Historiadores e críticos do romantismo*. 1 – A contribuição européia: crítica e história literária. São Paulo: Edusp, 1978.

DURIGAN, Antônio Jesus. *Erotismo e Literatura*. 2. ed. São Paulo: Ática. 1986.

HADDAD, Jamil Almansur. Ferdinand Wolf e a aurora do romantismo nacional. In: WOLF, Ferdinand. *O Brasil Literário*. São Paulo: Nacional, 1955.

LAPEIZ, Sandra M. MORAES, Eliane R. *O que é Pornografia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MACHADO, Duda (org). *Poesia erótica e satírica/ Bernardo Guimarães*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. Ensaio sobre a história da literatura do Brasil. *Cadernos do Centro de Pesquisa Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v.5, n. 2, ago. 1999.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979

OLIVEIRA, José Osório de. *Historia Breve da Literatura Brasileira*. 2. ed. São Paulo: Livraria Martins, 1954.

**Teixeira, Glauciane R.**

VERISSIMO, *História da Literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1903)*. Rio de Janeiro; Paris: Francisco Alves, Allaud e Bertrand, 1929.

Recebido em: 22/08/2009

Aceito em: 19/10/2009

Contato: glauciane.reis@yahoo.com.br